

leYa

CAMINHO

fundação José Saramago

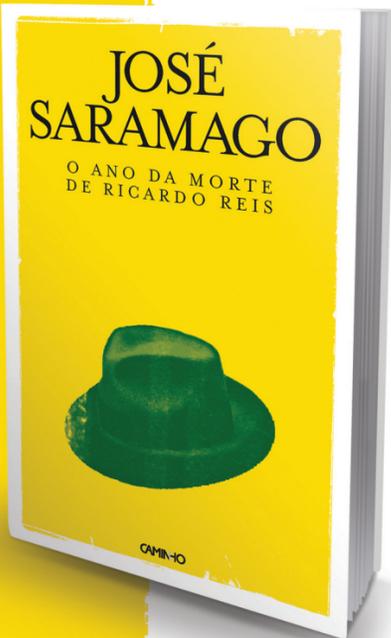
Concepção, selecção de excertos e mapa de **Ana Isabel Queiroz** (IELT-FCSH) e **Daniel Alves** (IHC-FCSH)

Uma parceria da FJS com o projecto «LITESCPE.PT – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental» (<http://paisagensliterarias.ielt.org>)

IELT

FCT

FCSH



PERCURSO LITERÁRIO

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

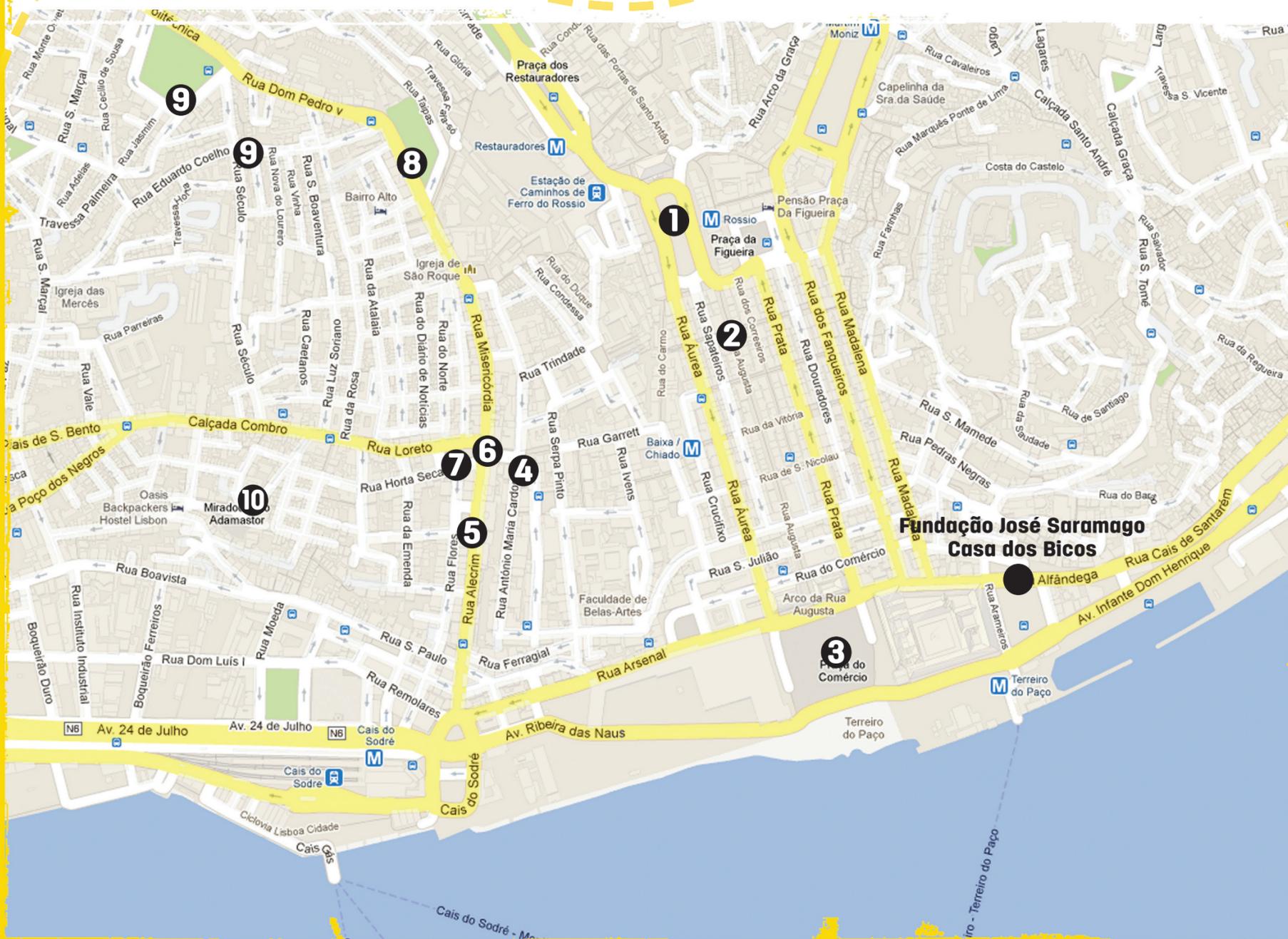
[alguns] Locais de Lisboa mencionados na obra

José Saramago

Percurso Literário

(os número de página são relativos à 20.ª edição, 2011, Editorial Caminho)

Aqui, andando pelas nossas ruas, vêem-se caras carregadas, outras, mais raras, dissimulam, se aquele brilho dos olhos não é contentamento é o diabo por ele, mas quando se escreveu essa palavra, Aqui, não é sequer a Lisboa toda, muito menos o país, sabemos nós lá o que se passa no país, Aqui é só estas trintas ruas entre o Cais do Sodré e S. Pedro de Alcântara, entre o Rossio e o Calhariz, como uma cidade interior cercada de muros invisíveis que a protegem de um invisível sítio, vivendo conjuntos os sitiados e os sitiantes, Eles, de um lado e do outro assim mutuamente designados, Eles, os diferentes, os estranhos, os alheios, todos mirando-se com desconfiança, sopesando uns o poder que têm e querendo mais, outros deitando contas à sua própria força e achando-a pouca, este ar de Espanha que vento trará, que casamento. (pp. 207-208)



Pistas numeradas no mapa

1 ROSSIO

Entra no Rossio e é como se estivesse numa encruzilhada, numa cruz de quatro ou oito caminhos, que andados e continuados irão dar, já se sabe, ao mesmo ponto, ou lugar, o infinito, por isso não nos vale a pena escolher um deles, chegando a hora deixemos esse cuidado ao acaso, que não escolhe, também o sabemos, limita-se a empurrar, por sua vez o empurram forças de que nada sabemos, e se subdessemos, que saberíamos. Melhor é acreditar nestas tabuletas, talvez fabricadas nas completas oficinas de Freire Gravador, que dizem nomes de médicos, de advogados, de notários, gente de necessidade que aprendeu e ensina a traçar rosas-dos-ventos, porventura não coincidentes em sentido e direcção, mas isso ainda é o que menos importa, a esta cidade basta saber que a rosa-dos-ventos existe, ninguém é obrigado a partir, este não é o lugar onde os rumos se abrem, também não é o ponto magnífico para onde os rumos convergem, aqui precisamente mudam eles de direcção e sentido, o norte chama-se sul, o sul é o norte, parou o sol entre leste e oeste, cidade como uma cicatriz queimada, cercada por um terramoto, lagrима que não seca nem tem não que a enxugue. (pp. 121-122)

2 RUA AUGUSTA – rio Tejo

Ricardo Reis encaminha-se para o hotel, não tem outros prazeres ou obrigações à espera, a noite está fria e húmida, mas não chove, apetece andar, agora sim, desce toda a Rua Augusta, já é tempo de atravessar o Terreiro do Paço, pisar aqueles degraus do cais até onde a água nocturna e suja se abre em espuma, escorrendo depois para voltar ao rio, donde logo regressa, ela, outra, a mesma e diferente, não há mais ninguém neste cais, e contudo outros homens estão olhando a escuridão, os tremúlos candelieiros da Outra Banda, as luzes de posição dos barcos fundeados, este homem, que fisicamente estando é quem olha hoje, mas também, além dos inúmeros que diz ser, outros que foi de cada vez que veio aqui e que de aqui terem vindo se lembram, mesmo não tendo este lembrança. Os olhos, habituados à noite, já vêm mais longe, estão além uns vultos cinzentos, são os navios da esquadra que deixaram a segurança da doca, o tempo continua agreste mas não tanto que não possam os barcos aguentá-lo, vida de marujo é assim, sacrificada. Alguns, que à distância parecem feitos pela mesma medida, devem ser os contratorpedeiros, aqueles que têm nomes de rios, Ricardo Reis não se recorda de todos eles, ouviu pronuncia-los ao bagageiro como uma ladainha, havia o Tejo, que no Tejo está, e o Vouga, e o Dão, que é este mais perto, disse o homem, aqui está pois o Tejo, aqui estão os rios que correm pela minha aldeia, todos correndo com esta água que corre, para o mar que de todos os rios recebe a água e aos rios a restitui, retorno que desjartamos eterno, porém não, durará só o que sol durar, mortal como nós todos, gloriosa morte será a daqueles homens que na morte do sol morrerem, não viram o primeiro dia, verão o último. (pp. 152-153)

3 TERREIRO DO PAÇO

Da Rua do Comércio, onde está, ao Terreiro do Paço distam poucos metros, apetece escrever. É um passo, se não fosse a ambiguidade da homofonia, mas Ricardo Reis não se aventurará à travessa da praça, fica a olhar

de longe, sob o resguardo das arcadas, o rio pardo e encrespado, a maré está cheia, quando as ondas se levantam ao largo parece que vêm alagar o terreiro, submergi-lo, mas é ilusão de óptica, desfazem-se contra a muralha, quebra-se-lhes a força nos outros tempos, tão distantes que pode duvidar se os viveu ele mesmo. Ou alguém por mim, talvez com igual rosto e nome, mas outro. Sente frios os pés, húmidos, sente também uma sombra de infelicidade passar-lhe sobre o corpo, não sobre a alma, repito, não sobre a alma, esta impressão é exterior, seria capaz de tocar-lhe com as mãos se não estivessem ambas agarrando o cabo do guarda-chuva, escusadamente aberto. Assim se alheia do mundo um homem, assim se oferece ao desfrute de quem passa e diz, O senhor, olhe que aí debaixo não lhe chove, mas este riso é franco, sem maldade, e Ricardo Reis sorri de se ter distraído, sem saber porque murmura os versos de João de Deus, célebres na infância das escolas. Debaixo daquela arcada passava-se a noite bem.

Vio por estar tão perto e para verificar, de caminho se a antiga memória da praça, nítida como uma gravura a buril, ou reconstruída pela imaginação para assim parecer hoje, tinha correspondência próxima na realidade material de um quadrilátero rodeado de edifícios por três lados, com uma estátua equestre e real ao meio, o arco do triunfo, que donde está não alcança a ver, e afinal tudo é difuso, brumosa a arquitectura, as linhas apagadas, será do tempo que faz, será do tempo que é, será dos seus olhos já gastos, só os olhos da lembrança podem ser agudos como os do gavião. Aproximam-se as onze horas, há grande movimento sob as arcadas, mas dizer movimento não quer dizer rapidez, esta dignidade tem pouca pressa, os homens, todos de chapéu mole, pingando guarda-chuvas, raríssimas as mulheres, e vão entrando nas repartições, é a hora em que começam a trabalhar os funcionários públicos. (pp.40-41)

4 RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO

Donde é que isso vem, mas ele não respondeu, certas palavras não devem ser pronunciadas em voz alta, apenas segredadas, ou transmitidas por sinais, ou silenciosamente lidas como agora as lê Ricardo Reis, distancando as matusculas por serem tão ameaçadoras, polícia de vigilância e defesa do estado. Que é que eu tenho que ver com isto, faz a pergunta com displicente alarde, acrescenta-lhe uma adenda tranquilizadora. Há-de ser algum engano, di-lo para benefício do desconfiado Salvador, agora nesta linha ponho a minha assinatura, tomei conhecimento, no dia dois de Março lá estarei, às dez horas da manhã. Rua António Maria Cardoso, fica aqui muito perto, primitivo sob a Rua do Alecrim até à esquina da igreja, depois vira à direita, ainda outra vez à direita, adiante há um cinema, o Chado Terrace, do outro lado da rua está o Teatro de S. Luís, rei de luz e de palco, a polícia é logo a seguir, não tem nada que errar, ou terá sido por ter errado tanto que o chamaram cá. (pp. 235-236)

5 Rua do Alecrim – LARGO BARÃO DE QUINTELA – Largo de Camões

[...] enquanto se vai subindo a Rua do Alecrim, pelas calhas dos eléctricos ainda correm regueirinhos de água, o mundo não consegue estar quieto, é o vento que sopra, são as nuvens que voam, da chuva nem se fala, tanta tem sido.

Ricardo Reis pára diante da estátua de Eça de Queirós, ou Queiroz, por cabal respeito da ortografia que o dono do nome

usou, ai como podem ser diferentes as maneiras de escrever, e o nome ainda é o mesmo, assombroso é filarem estes a mesma língua e serem, um Reis, o outro, Eça, provavelmente a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que exprimam uma parte pequena do que é, quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver, já as primeiras dificuldades começam a surgir, ou não serão ainda dificuldades, antes diferentes e questionadoras camadas do sentido, sedimentos removidos, novas cristalizações, por exemplo, Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia, parece clara a sentença, clara, fechada e conclusiva, uma criança será capaz de perceber e ir ao exame repetir sem se enganar, mas essa mesma criança perceberia e repetiria com igual convicção um novo dito, Sobre a nudez forte da fantasia o manto diáfano da verdade, e este dito, sim, dá muito mais que pensar, e saborosamente imaginar, sólida e nua a fantasia, diáfana apenas a verdade, se as sentenças viradas do avesso passarem a ser leis que mundo faremos com elas, milagre é não endoidecerem os homens de cada vez que abrem a boca para falar. É instrutivo o passeio, ainda agora contemplámos o Eça e já podemos observar o Camões, a este não se lembraram de por-lhe versos no pedestal, e se um pusessem qual poriam, Aqui, com grave dor, com triste acento, o melhor é deixar o pobre amargurado [...]. (pp. 79-81)

6 CHIADO – IGREJA DOS MÁRTIRES

Descendo o passeio em frente da igreja dos Mártires, Ricardo Reis aspira um ar balsâmico, é a exalação preciosa das devotas que lá dentro estão, agora começou a missa para as pessoas desta qualidade, as do mundo superior, aqui se identificam, havendo bom nariz, as famílias e as essências. Advinha-se que o céu dos altares, pelo bem que cheiram, é forrado de pompoms, de borlas de pó-de-arroz, e certamente o cetero acrescenta à massa das velas e dos cirios uma generosa porção de patchouli, que tudo caldeado, moldado e posto a arder, mais o quantum satis de incenso, causa uma irresistível embriaguez da alma, um rapto dos sentidos, então amolecem os corpos, escam-se os olhares, e, definitivamente o éxtase, nem sabe Ricardo Reis o que perde por ser adepto de religiões mortas, não se apurou se preferia as gregas ou as romanas, que a umas e outras em verso invoca, a ele basta-lhe haver deuses nelas, e não Deus apenas. Desce aos baixos da urbe, caminho já conhecido, sossego dominical e provinciano, só lá para tarde, depois do almoço, virão os motoradores dos bairros a ver as montanhas das lojas, levam toda a semana à espera deste dia, famílias inteiras com crianças no colo ou trazidas por seu pé, cansado ao fim do dia, roído pelo mau sapato o calcanhar, depois pedem um bolo-de-arroz, se está de boa maré o pai e quer fazer figura pública de próspero acabam todos numa leitaria, galões para toda a gente, e assim se poupará no jantar, quem não come por ter comido, diz o povo, não tem doença de perigo, mais fica para amanhã. (pp. 325-326)

7 PRAÇA LUIS DE CAMÕES

A penumbra do fim da tarde cobria o largo. Os pombos recolhiam-se aos altos ramos dos olmos, em silêncio, como fantasmas, ou sombras doutros pombos que naqueles mesmos ramos tivessem descido em anos passados, ou nas ruínas que neste lugar houve, antes que se limpasse o terreno para fazer a praça e levantar a estátua. Agora Marcella atravessa o largo na direcção da Rua do Alecrim, volta-se para ver se o pombo ainda está pousado no braço de Camões, e por entre os ramos floridas das tilias distingue-se um vulto branco por trás das vidraças [...]. (pp. 407-408)

8 SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Ricardo Reis atravessa o jardim, vai olhar a cidade, o casarão com as suas muralhas derrubadas, o casario a carregar pelas encostas. O sol branqueado bate nas telhas molhadas, desce sobre a cidade um silêncio, todos os sons são abafados, em surdina, parece Lisboa que é feita de algodão, agora pingando. Em baixo, numa plataforma, estão uns bustos de pátrios varões, uns buxos, umas cabeças romanas, descondizentes, tão longe dos céus láctios, é como ter posto o zé-povinho do Bortaldo a fazer um toma ao Apolo do Belvedere. Todo o miradouro é belvedere enquanto Apolo contemplamos, depois junta-se a voz à gutarria e canta-se o fado. Parece que a chuva se afastou de todo. (p. 83)

9 PRAÇA DO PRÍNCIPE REAL – Rua do Século

A Ricardo Reis distraiu-o [...] ter chegado à Praça do Rio de Janeiro, que foi do Príncipe Real e que já tomne a ser um dia, quem viver verá. Estando calor apetececia a sombra daquelas árvores, os áceres, os ulmos, o cedro chapéu-de-sol, que parece refrigerante latada, não que este poeta e médico seja assim tão versado em botânicas, alguém tem é de suprir as ignorâncias e as falhas de memória de homem por decaísse anos habituado a outras e mais barocas flores, tropicais. Mas o tempo não está para os estívais lazeres, para comprazimentos de ternas e praia, a temperatura deve andar pelos dez graus e os bancos do jardim estão molhados. Ricardo Reis acorda chega a gabardina ao corpo, fiorento, atravessa de cá para lá, por outras alamedas regressa, agora vai descer a Rua do Século, nem sabe o que o terá decidido, sendo tão ermo e melancólico o lugar, alguns antigos palácios, casas baixinhas, estreitas, de gente popular, ao menos o pessoal nobre de outros tempos não era de melindres, aceitava viver paredes meias com o vulgo, ai de nós, pelo caminho que as coisas levam, ainda veremos bairros exclusivos, só residências, para a burguesia de finança e fábrica, que então terá engolido da aristocracia o que resta, com garagem própria, jardim à proporção, cães que ladrem violentamente ao viajante, até nos cães se há-de notar a diferença, em eras distantes tanto mordiam a uns como a outros. (pp. 86-87)

10 SANTA CATARINA

Da sua janela sem cortinas Ricardo Reis olhava o largo rio, para poder ver melhor, apagou a luz do quarto, onde estava, caía do céu uma poalha de luz cinzenta que escurecia ao pousar, sobre as águas pardas desluzavam os barcos cachilheiros já de fâtais acesos, ladeando os navios de guerra, os cargueiros fundeados, e, quase a esconder-se por trás do perfil dos telhados, uma última fragata que se recolhe à doca, como um desenho infantil, tarde tão triste que do fundo da alma sobe uma vontade de chorar, aqui mesmo, com a testa apoiada na vidraça, separado do mundo pela névoa da respiração condensada na superfície lisa e fria, vendo aos poucos diluir-se a figura contorta do Adamastor, perder sentido a sua fúria contra a figurinha verde que o desafia, invisível daqui e sem mais sentido do que ele. (pp 289-290)